

Oralidade e alfabetização

Orality and Literacy

DOI: [10.22481/lnostr.v12i2.15746](https://doi.org/10.22481/lnostr.v12i2.15746)

Clarice Staub Lehnen¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3380-0437>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

E-mail: clarice.s.lehnen@gmail.com

Gabriela C.M. de Freitas²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5309-8089>

Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre

E-mail: gabimdefreitas@gmail.com

Resumo

Quando a criança chega ao período formal de alfabetização já carrega uma bagagem de habilidades de linguagem que necessitam ser conhecidas pelos professores, a fim de promover e facilitar o uso desses conhecimentos para relacioná-los com a aprendizagem da escrita. A alfabetização implica que a criança reconheça o sistema alfabético de escrita, inicialmente compreendendo a lógica das relações entre fonemas e grafemas, para gradualmente avançar para a escrita e compreensão de frases e textos. Oferecer atividades que oportunizem descobertas e reflexões sobre a língua proporcionará melhores condições e segurança para o processo de aprendizagem escolar, como o interesse e a atenção às palavras, às leituras e aos jogos propostos. Tendo em vista a relevância da oralidade para a alfabetização, durante a 9ª Jornada Internacional de Alfabetização as presentes autoras propuseram um simpósio intitulado “Oralidade e Alfabetização”, com a finalidade de fomentar discussões sobre o tema e proporcionar a troca entre profissionais de diferentes áreas que trabalham e estudam sobre essa etapa escolar. Neste texto, são abordados conceitos relacionados à oralidade e seu desenvolvimento, bem como suas relações com o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, salientando-se práticas importantes de serem realizadas em sala de aula. Atividades e pesquisas na área puderam ser relatadas no simpósio em que se discutiu e procurou colaborar com o fazer pedagógico e reflexões linguísticas relacionadas à alfabetização.

Palavras-chave: Oralidade; Alfabetização; Consciência linguística; Sistema de escrita alfabético.

Abstract

When a child reaches the formal literacy period, they already possess a set of language skills that teachers need to recognize in order to promote and facilitate the use of this knowledge in relation to learning to write. Literacy requires that the child recognizes the alphabetic writing system, initially understanding the logic of the relationships between phonemes and graphemes, and gradually advancing to writing and comprehending sentences and texts. Providing activities

¹ Curso de Fonoaudiologia – UFRGS.

² Professora SMED – Porto Alegre.

that encourage discoveries and reflections on language will offer better conditions and confidence for the school learning process, such as interest and attention to words, readings, and proposed games. Given the relevance of orality to literacy, during the 9th International Literacy Conference, the authors proposed a symposium titled "Orality and Literacy" with the aim of fostering discussions on the topic and facilitating exchanges among professionals from different fields who work and study this educational stage. This article addresses concepts related to orality and its development, as well as its relationship with the process of learning to read and write, highlighting important practices to be carried out in the classroom. Activities and research in the field were reported at the symposium, where discussions aimed to contribute to pedagogical practices and linguistic reflections related to literacy.

Keywords: Orality; Literacy; Linguistic awareness; Alphabetic Writing system.

INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização envolve habilidades diversas que devem ser desenvolvidas pelas crianças. Nesse percurso, cabe destacar o papel significativo da oralidade, visto que é ela que irá garantir a referência para as reflexões necessárias sobre as palavras que leitores e escritores iniciantes precisam fazer para que aprendam a identificar e segmentar os sons da fala e relacioná-los com os símbolos gráficos. Tal aprendizagem é que permitirá a apropriação do sistema alfabético de escrita³, garantindo que a criança passe a usar esse conhecimento de forma sistemática e organizada para que seja capaz de se comunicar através da escrita, obter e produzir novos conhecimentos (SARGIANI, 2022).

A criança que ingressa no 1º ano do ensino fundamental já carrega consigo uma bagagem de linguagem que precisa ser conhecida pelo professor. Um movimento de escuta é necessário na sala de aula e em momentos individualizados, a fim de se perceber como a criança compreende ou não o que é dito, formula frases, desenvolve diálogo e narra os acontecimentos, domina ou não os sons da fala, utiliza o vocabulário, entre outros aspectos do desenvolvimento da linguagem oral.

Em se detectando inconsistências nesse processo, é preciso oferecer recursos para promover seu amadurecimento, bem como atividades que oportunizem descobertas e reflexões sobre a língua. Isso proporcionará melhores condições para o processo de aprendizagem escolar, como o interesse e a atenção às palavras, às leituras e aos jogos propostos, trazendo

³ Como explica Leonor Scliar Cabral, 'o sistema de leitura e escrita da língua portuguesa é o alfabético, que utiliza um alfabeto composto de 23 letras que, isoladas ou combinadas e com alguns sinais como acentos gráficos, til e cedilha, **representam os fonemas**'. Além dessas, há três que se usam em casos especiais: w, y, z. Porém, não existe uma letra para cada som. Uma, ou duas letras, **os grafemas**, representam os fonemas, que existem em maior variedade do que o número de letras (SCLIAR-CABRAL, 2003, páginas 38-39).

maior segurança à criança para arriscar-se a desvendar as relações entre fonemas e grafemas e registrar suas primeiras palavras escritas.

Tendo em vista a relevância da oralidade para a alfabetização, durante a 9ª Jornada de Alfabetização, realizada em 2023, as autoras deste texto propuseram um simpósio intitulado “Oralidade e Alfabetização” com a finalidade de fomentar discussões sobre o tema e proporcionar a troca entre profissionais que trabalham e estudam sobre essa etapa escolar. Neste texto, serão abordados conceitos relacionados à oralidade e seu desenvolvimento, bem como suas relações com o processo de aprendizagem da leitura e escrita, salientando-se práticas importantes de serem realizadas em sala de aula. Atividades e pesquisas na área puderam ser relatadas no simpósio em que se discutiu e procurou colaborar com o fazer pedagógico e as reflexões linguísticas relacionadas à alfabetização.

ORALIDADE - POR QUE DEVEMOS ESTAR ATENTOS AO SEU DESENVOLVIMENTO?

A oralidade pode ser definida como o uso da modalidade oral da língua em práticas sociais e discursivas, com relação à produção e recepção. Ela envolve a ação de sujeitos em contextos *interacionais* (Marcuschi, 2014). Como apontam Dehaene e cols. (2022), a linguagem oral está presente desde os primeiros meses de vida e possui vários níveis de organização: a prosódia, a fonologia, o léxico, a morfologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática. Tais níveis empregam regras para formar palavras e frases que devem ser aprendidas pelas crianças no domínio de sua língua materna. *A intensidade da exposição das crianças à linguagem oral e a qualidade desse estímulo linguístico desempenham um papel crítico no desenvolvimento de todos esses níveis* (DEHAENE et al., 2022, p. 115).

Com o entendimento cada vez maior proporcionado pelas pesquisas de como se dá o desenvolvimento cognitivo-linguístico da criança, compreende-se com mais profundidade a importância da fala dirigida às crianças, desde muito cedo; “estas falas serão organizadoras do seu sistema linguístico e base para as demais aprendizagens” (LEHNEN, 2022, p. 189). A prática da linguagem pela criança como “algo vivo” (Pinto, 2001) propicia a oportunidade de analisar e descobrir as peças que a integram, permitindo que desenvolva sensibilidades quanto à sua *forma e conteúdo*. Por si só, a oralidade cumpre papel fundamental ao longo da vida do indivíduo, pois é através dela que expressa sentimentos e ideias, organiza pensamentos e consegue interagir de forma adequada com os semelhantes. Por essa razão, já deve merecer

investimento constante no decorrer da escolaridade, estimulando-se a ampliação de experiências e a autonomia na comunicação oral.

O papel da oralidade na aprendizagem da leitura e da escrita é também primordial. Ela constitui a base sobre a qual a criança desenvolverá outro sistema de representação da linguagem verbal, com maior complexidade, que é a escrita. No Sistema de Escrita Alfabética a representação dos fonemas nem sempre é direta ou biunívoca, ou seja, nem sempre se escreve diretamente como se fala. Há regras e representações próprias do sistema de escrita que permitem a expressão das ideias formuladas a partir da linguagem oral, mas que, para serem entendidas por todos, precisam respeitar uma forma de representação dos grafemas que possa ser lida e entendida independentemente das diferentes pronúncias. Por isso a importância do ensino ser sistematizado e explícito, pois a leitura dos grafemas nas palavras respeitará relações entre fonemas e grafemas, regras contextuais e outras arbitrárias na escrita, além de todos os aspectos gramaticais que regem a organização do discurso escrito. Há que se levar em conta a posição do grafema na palavra, por exemplo, se inicial, medial, ou final, bem como os grafemas que o antecedem ou o seguem, entre tantos fatores que afetam a conversão sonora. Por esse fato, deve-se atentar para a importância do ensino dessas regras para as crianças. Ensino esse que depende do conhecimento do professor, do domínio que ele possui sobre o objeto com o qual está trabalhando: a escrita.

Antes de ingressar no período formal de alfabetização, as crianças já devem ter completado sua aquisição fonológica, podendo expressar qualquer palavra com precisão, organizando-as em sentenças no discurso oral. O aumento de vocabulário, tão fundamental para estruturar categorias organizadas de significados e possibilitar a compreensão, também impulsiona a diferenciação cada vez maior dos fonemas da língua e a consolidação desses no sistema fonológico da criança. Além de permitir à criança maior reflexão sobre as palavras e a organização que elas apresentam entre si em atos de fala e momentos de escrita.

Na alfabetização, as habilidades de consciência fonológica⁴ são essenciais para que os aprendentes compreendam a lógica do Sistema Alfabético de Escrita, que dará acesso ao mundo letrado nas sociedades que o adotam. Debruçar-se sobre a estrutura sonora da língua, brincando e refletindo sobre a segmentação das palavras em sílabas e fonemas, assim como reconhecer

⁴ A consciência fonológica envolve o reconhecimento, pelo indivíduo, de que as palavras são formadas por diferentes sons que podem ser manipulados, abrangendo não só a capacidade de reflexão (constatar e comparar), mas também a de operação com fonemas, sílabas, rimas e aliterações (contar, segmentar, unir, adicionar, suprimir, substituir e transpor) (MOOJEN et al, 2003).

segmentos semelhantes das palavras, como as rimas e aliterações, é fundamental nesse processo. Barrera e Maluf (2003) destacam que a consciência fonológica não é uma habilidade única, podendo ser considerada uma habilidade cognitiva composta por diferentes habilidades com níveis distintos de complexidade. Portanto, há que ser desenvolvida gradualmente e progressivamente em seus diferentes níveis.

O impacto da consciência fonológica na alfabetização é realçado em um estudo realizado por Capovilla et al. (2011), que se dedicou a investigar as causas das dificuldades em aprender a ler e a escrever e do conseqüente fracasso escolar de crianças brasileiras. *A ausência de um trabalho explícito com as habilidades de consciência fonológica em sala de aula, mais especificamente da consciência fonêmica*, foi uma das causas evidenciadas. Conforme os autores,

a primeira característica que distingue a maior parte das crianças que fracassam em aprender a ler é a baixa habilidade metafonológica, também chamada de consciência fonêmica. Trata-se da consciência de que a fala pode ser concebida como um fluxo no tempo de um certo número limitado de fonemas que se combinam e recombinaem em diferentes ordens conforme regras convencionais compondo diferentes palavras faladas, e que esses fonemas podem ser convertidos em seus grafemas correspondentes num mapeamento de ordem conforme a sequência tempo-espço (da esquerda para a direita na linha, e de cima para baixo entre linhas), e com lacunas para separar as palavras. (Capovilla; Valle; Capovilla, 2011, p. 42)

Sem uma abordagem de ensino explícita sobre as relações fonema-grafema, muitas crianças terminam por ‘avançar’ na escola com falhas de entendimento consistente do sistema de escrita, dificultando que alcancem a consciência ortográfica, fluência de leitura e domínio de recursos da língua para garantir competência na expressão escrita e na compreensão leitora. É necessário estar atento ao desenvolvimento da oralidade e proporcionar a reflexão sobre a forma que ela está organizada e a relação que estabelece com a escrita. A alfabetização deve estar amplamente ligada à oralidade, leitura e escrita, permeada por intenções e intervenções pedagógicas que sensibilizem, explicitem e possibilitem exercitar essas relações na linguagem, levando à consolidação das aprendizagens das crianças que estão vivenciando essa fase escolar.

O TRABALHO COM A ORALIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: DA EDUCAÇÃO INFANTIL AOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A alfabetização movimenta conhecimentos e propicia reflexões sobre a linguagem oral que, aliadas a um ensino sistemático, levam a um desenvolvimento gradual do domínio da leitura e da escrita e ao desenvolvimento da própria linguagem, em seus diferentes níveis

cognitivo-linguísticos. Como enfatizam Sargiani e Maluf (2018), a aprendizagem da língua escrita depende da base da linguagem oral. Torna-se necessário, então, que o trabalho escolar com a oralidade seja uma constante na educação infantil e nos primeiros anos escolares, garantindo o desenvolvimento de vocabulário, a reflexão sobre a relação entre a fala e a escrita, suas semelhanças e diferenças, bem como a organização da comunicação oral e dos textos escritos. Nesse sentido, boas práticas em sala de aula, possibilitando a escuta dos estudantes, o diálogo e a proposição de jogos de linguagem são essenciais no processo de alfabetização e muito antes dele.

As atividades pedagógicas baseadas na estimulação e reflexão sobre a oralidade devem ser iniciadas o mais cedo possível, desde as brincadeiras em família e o início da educação infantil. Como garantem Cardoso-Martins et al. (2022), atividades voltadas para o desenvolvimento do vocabulário, da gramática e do discurso oral devem ser iniciadas bem antes de atividades que visem o desenvolvimento de habilidades relacionadas à aprendizagem da escrita. É na primeira infância que se deve estimular ao máximo o desempenho oral de nossas crianças, preparando o terreno para a futura alfabetização. Esse trabalho é ainda mais importante quando falamos na escolarização de crianças oriundas de famílias de baixa renda. Se tais crianças chegam à escola com, por exemplo, desenvolvimento vocabular abaixo do esperado, é nesse ambiente que precisam ampliar seus conhecimentos. Não resta dúvida de que o desenvolvimento da linguagem oral na pré-escola é fundamental para o desenvolvimento da leitura (Cardoso-Martins et al., 2022). Pesquisas longitudinais que avaliam a linguagem oral de pré-escolares e o desempenho posterior nos primeiros anos escolares, como as de Hjteland et al. (2019) e Pace et al. (2019), evidenciam que diferenças individuais em medidas de linguagem oral no início do jardim de infância no que tange ao desenvolvimento gramatical e de vocabulário apontam para diferenças individuais posteriores em habilidade de leitura e no desenvolvimento acadêmico. Dessa forma, um programa de intervenção precoce pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo e da linguagem na busca do sucesso escolar. Estratégias cognitivas e linguísticas andam de mãos dadas na aprendizagem.

Albuquerque (2022), sugere estratégias para que seja trabalhada a relação entre linguagem oral e escrita, como pode ser observado no quadro a seguir.

Tabela 1 – Estratégias para a relação linguagem oral e escrita

- Incentivar a partilha de acontecimentos do dia a dia na turma.
- Incentivar a transmitir uma mensagem a alguém, registrando por escrito e lendo em

voz alta.
- Convidar a contar oralmente uma história lida por um adulto.
- Pedir para ditar uma história para o professor escrever.
- Planejar a dramatização de um texto lido.
- Convidar a elaborar uma comunicação oral a partir de um texto lido.
- Incentivar a fazer uma entrevista.
- Redigir carta ou e-mail em conjunto.
- Incentivar a fazer um desenho acompanhado de legenda ditada ao professor.
- Pedir para ditar um desenho e respectivo texto ao professor.

Adaptado de Albuquerque (2022, p. 88).

Muitas das estratégias propostas por Albuquerque podem e devem ser realizadas na escola, estando presentes na rotina diária desde a educação infantil até a alfabetização. São momentos em que o estudante é instigado a expressar-se oralmente de forma clara e intencional.

Com igual propósito, podem ser acrescentadas diversas atividades que convocam as crianças para refletir sobre a linguagem a partir da oralidade, tais como: conversas em roda, em que há a escuta de cada um que fala; leitura diária de histórias, poemas e/ou parlendas; pesquisa de tema em que o professor conduza a organização de informações junto com as crianças; acionar conhecimentos prévios sobre determinado tema que vá ser explorado em textos lidos e em conversas; organizar figuras na ordem em que aparecem num texto; fazer perguntas sobre personagens e situações de uma narrativa, incentivando o resgate na memória e a relação de ideias daquilo que escutaram; identificar palavras que não conhecem num texto lido e buscarem entender o significado, apoiados no contexto; descobrir palavras que comecem com a mesma sílaba ou fonema; incitar a descobrir e registrar no quadro o máximo de nomes de animais, frutas, cores, e outras categorias semânticas que as crianças lembrem; proporcionar jogos de bingo, trilha, memória e outros em que as palavras sejam alvo de descobertas, como encontrar uma palavra dentro de outra ou identificar as que rimam, por exemplo; segmentar as palavras em sílabas e descobrir quais são as maiores e as menores; salientar o som das letras evidenciadas em nomes e palavras trabalhadas que são escritas pelo professor no quadro, por exemplo.

Tais propostas servem de base para o planejamento na busca do desenvolvimento da linguagem oral das crianças e do conhecimento que elas devem ter sobre aspectos da leitura e

da escrita. Os professores precisam atuar como incentivadores de habilidades e curiosidades dos estudantes, sem deixarem de lado o ensino sistemático das relações entre fala e escrita.

UM POUCO SOBRE AS DISCUSSÕES DO SIMPÓSIO

O Simpósio “Oralidade e Escrita” contou com a apresentação de seis trabalhos relacionados ao assunto, apresentados por pesquisadores de diferentes instituições, que trouxeram relatos de experiências e de pesquisas realizadas. Após as apresentações, sintetizadas abaixo, as coordenadoras do simpósio propiciaram um momento de trocas entre os participantes, que puderam esclarecer dúvidas ou contribuir com apontamentos.

A professora Ariane Simão de Souza apresentou o trabalho intitulado “*A Oralidade presente na Alfabetização*” em que relatou sua experiência em sala de aula com 25 alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental da rede municipal de Canoas/RS, no ano letivo de 2023. A professora realizou atividades lúdicas voltadas para o desenvolvimento da expressão oral, promovendo a elaboração de frases a partir de objetos e imagens, o trabalho com vocabulário, a contagem de palavras nas frases e o reconto de histórias. Tais atividades permitiram que as crianças dialogassem e exercitassem a comunicação verbal. Os estudantes foram encorajados a se expressar oralmente, superando inseguranças e ampliando sua capacidade de comunicação. Essas atividades promoveram o desenvolvimento da linguagem oral, estimularam a interação social e contribuíram para a formação de indivíduos mais comunicativos e confiantes em sua expressão verbal.

O trabalho “*A frequência das palavras influencia no tempo de conversão grafofonêmica?*”, de autoria de Ducirlândia Ferraz de Souza, Glêide Santos Macedo, Luise Rebouças Leite Leal dos Santos e Ronei Guaresi (UESB), investigou como determinadas características e frequência das palavras na vida dos indivíduos influenciam no tempo de conversão na leitura. Como conceito de frequência, os autores assumiram o entendimento de Pinheiro (1996, p. 4), que se refere ao “número de vezes que as palavras escritas pertencentes ao vocabulário de uma língua ocorrem dentro de faixas etárias específicas”. As palavras, então, podem ser categorizadas como de alta, média e baixa frequência no cotidiano de cada pessoa, e podem variar ao longo da escolarização, da faixa etária, da língua, da cultura e do ambiente. Os resultados mostraram que foram lidas mais rapidamente as palavras de alta frequência, seguidas de palavras de média frequência, pseudopalavras e palavras de baixa frequência, respectivamente.

As autoras Lara Brum Ramalho, Carla Fernanda Schneider, Danise Vivian e Garine Keller (UNIVATES) apresentaram o “*Projeto de extensão alfab&letrar: relato de experiência na educação infantil*” que tem como objetivo incentivar a alfabetização, o letramento e o letramento literário de forma lúdica, através de atividades didático-pedagógicas para os estudantes da pré-escola, 1º e 2º anos do ensino fundamental. Tal projeto organiza sequências didáticas que sempre partem de um texto literário. As contações de história são lúdicas e provocam atividades de reconhecimento de rimas e de sons, instigando o conhecimento da língua pelos estudantes e incrementando o desempenho oral.

O trabalho “*O potencial preditor dos níveis silábico e fonêmico no aprendizado inicial da leitura e da escrita*”, de Luise Rebouças Leite Leal dos Santos, Glêide Santos Macedo, Ducirlândia Ferraz de Souza e Ronei Guaresi (UESB) trouxe a questão sobre se as consciências silábica e fonêmica podem ser consideradas um preditor na aprendizagem inicial da leitura e da escrita. Os autores investigaram o nível de Consciência Fonológica de crianças no início do 1º ano do Ensino Fundamental I e, um ano após, o desempenho em leitura e em escrita. A análise dos dados confirmou um moderado potencial preditor da Consciência Fonológica.

As pesquisadoras Solange de Fátima Andreassa Di Agustini e Maria Regina Maluf (PUCSP) trouxeram o estudo “*Efeitos da instrução fônica no desempenho em leitura e escrita de crianças de 1º, 2º e 3º anos com dificuldades na compreensão do princípio alfabético na alfabetização inicial*”. As crianças dos grupos de intervenção desenvolveram a compreensão do princípio alfabético, beneficiaram-se da instrução fônica para as habilidades de leitura e escrita e avançaram da fase pré-alfabética, com predominância nas fases alfabética completa e consolidada. Houve crescimento significativo das medidas de habilidades fonológicas e principalmente foi evidenciada uma forte correlação entre a consciência fonêmica com leitura e escrita. A intervenção de instrução fônica foi eficaz para a superação das dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita.

Por fim, o trabalho intitulado “*Jogos e materiais pedagógicos para leitura e escrita na clínica fonoaudiológica e na escola*”, de Mauren Thiemy Ito Cereser; Ana Paula Rigatti Scherer; Clarice Staub Lehnen; Marcia de Lima Athayde e Denise Balem Yates, buscou evidenciar o papel facilitador dos jogos no acesso à linguagem, comparando seu uso na escola e na clínica fonoaudiológica. A pesquisa teve como objetivo geral verificar o uso de jogos e materiais pedagógicos para leitura e escrita na clínica e na escola, e concluiu que as professoras que fizeram parte da pesquisa selecionaram mais jogos que exploram letras e palavras, enquanto

as fonoaudiólogas demonstraram uma preferência pela reflexão e manuseio das letras e palavras por meio da consciência fonológica. Um dado interessante aponta que jogos que exploram frases e textos foram pouco mencionados, uma vez que professores e fonoaudiólogos mencionaram muito mais jogos envolvendo a consciência fonológica no nível da palavra. Nesse sentido, as autoras garantem que, apesar de a consciência fonológica ser importante para ambas as realidades, os demais níveis linguísticos também deveriam ser contemplados.

PALAVRAS FINAIS

A proposta de realizar um Simpósio sobre oralidade e escrita cumpriu seu objetivo maior: proporcionar a troca de experiências entre profissionais e pesquisadores que atuam na área da alfabetização, e realçar projetos concretos desenvolvidos na sala de aula que salientam a importância da oralidade no percurso da aprendizagem da leitura e da escrita. A interdisciplinaridade do grupo envolvido foi um diferencial extremamente positivo, uma vez que professores, pesquisadores e fonoaudiólogos se reuniram em torno de um mesmo tema que faz parte do cotidiano desses profissionais, somando olhares e reflexões em torno da aprendizagem a partir das diferentes bases de conhecimentos.

Temas sobre o desenvolvimento da oralidade e da escrita na escola e na clínica fonoaudiológica permearam o Seminário em mesas, cursos e conferências, evidenciando a importância da reflexão sobre o assunto através das trocas de achados de investigações e experiências concretas relatadas. Dessa forma, a 9ª Jornada de Alfabetização proporcionou a real interdisciplinaridade em um evento em que se pretendia tratar sobre a alfabetização.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Ana. Linguagem escrita na educação infantil: práticas pedagógicas promotoras da aprendizagem em sala de aula. In.: SARGIANI, Renan (Org.). **Alfabetização baseada em evidências** - da ciência à sala de aula. Porto Alegre: Penso, 2022.

BARRERA, Sylvia D.; MALUF, Maria Regina. Consciência Metalinguística e Alfabetização: Um Estudo com Crianças da Primeira Série do Ensino Fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Vol. 16(3), 2003, 491-502.

CAPOVILLA, Fernando César; VALLE, Luiza Helena L. Ribeiro; CAPOVILLA, Alessandra G. Seabra. PCNs na contramão da história, 89% a 96% de fracasso do ensino fundamental, segundo Saeb, e recorde mundial de incompetência de leitura, segundo OCDE. In: VALLE,

Luiza Helena L. Ribeiro (org.) **Temas multidisciplinares de neuropsicologia e aprendizagem** - 2 ed. - Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2011.

CARDOSO-MARTINS, Cláudia et al. A decodificação e a linguagem oral são ambas necessárias para a aprendizagem da leitura. In: SARGIANI, Renan (Org.). **Alfabetização baseada em evidências** - da ciência à sala de aula. Porto Alegre: Penso, 2022.

DEHAENE et al. Métodos de ensino e manuais para aprender a ler: como escolher? In.: SARGIANI, Renan (Org.) **Alfabetização baseada em evidências** - da ciência à sala de aula. Porto Alegre: Penso, 2022.

LEHNEN, Clarice Staub. Linguagem oral: para ser, compreender, dizer e aprender. In: PEREIRA, Vera Wannmacher et al. (org.) **Ensino e aprendizado da leitura e da escrita: contribuições interdisciplinares** – 1. Ed. – Vitória da Conquista, BA: Fonema e Grafema, 2022.

MARCUSCHI, Beth Oralidade. In: Frade et al. (org.) **Glossário CEALE: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação UFMG, 2014.

Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/oralidade>

MOOJEN, Sonia. et al. **Consciência fonológica: instrumento de avaliação sequencial** - CONFIAS. São Paulo: Pearson, 2003.

PINTO, Maria da Graça Castro. Uma forma de estar perante a linguagem: a escrita em análise. In: LAMPRECHT, Regina Ritter; MENUZZI, Sergio (org.). Anais do 5º Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem e do 1º Encontro Internacional sobre Aquisição da Linguagem. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v.36, n.3, p.15-46, setembro, 2001.

SANTOS, Maria José dos; BARRERA, Sylvia Domingos. Impacto do treino em habilidades de consciência fonológica na escrita de pré-escolares. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 21, N.1, p. 93-102, Janeiro/Abril de 2017.

SARGIANI, Renan (Org.) **Alfabetização baseada em evidências** - da ciência à sala de aula. Porto Alegre: Penso, 2022.

SARGIANI, Renan, MALUF, Maria Regina. Linguagem, Cognição e Educação Infantil: Contribuições da Psicologia Cognitiva e das Neurociências. **Psicologia Escolar e Educacional**, 22 (3), Dez, 2018.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Guia Prático de Alfabetização** - baseado em princípios do sistema alfabético do Português do Brasil. São Paulo: Contexto, 2003.

Submetido em: 13/08/2024

Aprovado em: 14/11/2024